



GT 74. Religiões de matriz africana e seus modos de convivência: caboclos, orixás e outras entidades

Coordenador(es):

Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Tempos, Histórias e Registros

Debatedor/a: Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 2 - Vínculos e obrigações

Debatedor/a: Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 3 - Modos de Convivência

Debatedor/a: Luciana Duccini (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

A proposta deste Grupo de Trabalho é investigar os modos de se relacionar com e entre as entidades presentes nas diversas modalidades de religiões de matriz africana, tanto no Brasil quanto em outros países da diáspora africana. Assim, pretende dar ênfase não somente às análises das manifestações religiosas em si, mas aos estudos voltados para as formas como vínculos são aí construídos e mantidos. Tendo como questão chave o debate em torno das dimensões ético-políticas das formas de convivência cultivadas nessas religiões, o GT está aberto para trabalhos que tratem dos procedimentos e conceitos que participam dos processos de construção de vínculos, que discutam as diferentes temporalidades e espacialidades em jogo nesses processos e/ou explorem como os vínculos com as entidades são mobilizados e testados em situações de encontro com outras formas de prática.

Lampejos e inquietações a partir da convivência com entidades

Autoria: Emília Mota (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O texto inicia testes que procurarei desenvolver durante o doutorado, de seguir movimento provocado por experiências de convivência com entidades como Mestra Paulina. O primeiro contato com ela foi no terreiro de umbanda localizado em Aparecida de Goiânia. Chegou na linha de exu e pombagira. Tratada apenas por ?Paulina? naquele espaço, sempre que possível se dirigia até mim dizendo "Pra você posso falar, sou Mestra Paulina. ?Mestra? era um termo apresentado para poucos. A situação acompanhada de outras histórias compartilhadas por ela, mas também por outras entidades como Maria do Balaio, permitem o pontapé para procurar outras maneiras de abordar e compor com entidades. Pretende-se um descentramento das análises que acabam por focar na pessoa humana (Tola, 2014), no que é considerado como ?ser? ?vivo?, ?ser humano?, que possui um ?corpo? e se constitui enquanto indivíduo, para as entidades/espíritos. Estes, por vezes, são reconhecidos como pessoas apenas em um tempo pretérito, em sua ?vida? passada. As experiências com entidades/ espíritos, por outro lado, demonstram que possuem agência, contam histórias de outros tempos e de tempos atuais, transitam entre falanges e espaços geográficos, produzem efeitos em materialidades diversas e em nossas percepções. A presença delas no momento visível da incorporação conjuga temporalidades distintas, como comenta Palmiè (2014) e Santos Junior (2014). Interesse-me aqui por aquilo que o título do livro organizado por Ruy Blanes e Diana Espíritos Santo (2014) evoca ?a vida social dos espíritos?. Os autores argumentam que o ponto de partida seria o da pragmática dos efeitos das agências das



entidades, de seus rastros e extensões. As entidades podem ser conhecidas através das trajetórias sociais que traçam no mundo. Na busca de possibilidades metodológicas e teóricas de fazer etnografia com entidades/espíritos, de tomá-las também como eixos narrativos e suas diferentes maneiras de se fazerem presentes, de viverem, dos movimentos, das agências, algumas categorias cintilaram e merecem nossas reflexões. Em "sociedades de universo único" (Nathan & Stengers, 2004) vida e morte são categorias que desdobram classificações para os seres. No caso dos humanos, os conceitos de espírito e de alma foram influenciados pelo que se pensa com o que acontece após a morte. Nessa disposição entre vivo/pessoa e morto/espírito outras categorias estão envolvidas como visível/invisível, natural/sobrenatural, corpo/mente. Reconhecendo que xamanismos, encantaria, jurema e outras religiões de matriz africana pertenceriam ao que Tobie Nathan denominou "sociedades de universo múltiplo", cabe rever o tema da morte e da ancestralidade num caminho em que as entidades não existam apenas nas mentes ou nas teias de significados (Espírito Santo e Blanes, 2014).

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: